

Alexsander Vanzela

Conservatório Estadual de Música “Lobo de
Mesquita”
alexvanzela@gmail.com

Leida Calegário de Olivera

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha
e Mucuri - UFVJM
leida@ufvjm.edu.br

Marivaldo Aparecido de Carvalho

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha
e Mucuri – UFVJM
marivascarvalho@hotmail.com

A NOTAÇÃO MUSICAL: FACILITADORES NO APRENDIZADO DE GUITARRA

RESUMO

O registro musical é fundamental para que uma música criada possa novamente ser executada, sendo necessárias a utilização de convenções de escrita e leitura. Ao longo do tempo, o registro, ou notação musical, passou por diversas formas, modelos, modificações necessárias à elaboração de um sistema que permitisse a identificação dos elementos fundamentais da música, sem o qual seria impossível o armazenamento de informações para uma futura reprodução, surgindo dessa forma a partitura. Para que o conhecimento da escrita e leitura musical possa ser difundido, escolas de músicas, professores e uma vasta gama de procedimentos para o aprendizado de leitura e escrita musical, como encontrados *sites* pela internet que oferecem desde o básico até níveis avançados para o aprendizado musical. A música atual detém um instrumento que chama atenção pela sua irreverência, a guitarra elétrica, fazendo com que seus adeptos utilizem de diversas formas para seu aprendizado. Mas a guitarra elétrica utiliza de recursos e técnicas que a partitura não consegue registrar. Assim a utilização conjunta da partitura e tablatura vem ganhando espaço entre os guitarristas. Como a tecnologia está à disposição do mercado musical, *softwares* para o aprendizado musical vem desempenhando um papel significativo neste processo.

Palavras-chave: Partitura, Tablatura, escrita musical e Guitar Pro 6.

MUSIC NOTATION: FACILITATORS IN GUITAR LEARNING

ABSTRACT

The musical record is fundamental so that a created song can be executed again, being necessary the use of conventions of writing and reading. Over time, the recording, or musical notation, went through several forms, models, modifications necessary to the elaboration of a system that would allow the identification of the fundamental elements of the music, without which it would be impossible to store information for a future reproduction, Thus appearing the score. So that the knowledge of writing and music reading can be spread, music schools, teachers and a wide range of procedures for learning to read and write music, as found sites through the internet that offer from the basics to advanced levels for musical learning. The current music holds an instrument that draws attention for its irreverence, the electric guitar, making its fans use in various ways for their learning. But the electric guitar uses features and techniques that the score can not record. Thus the joint use of the score and tablature has been gaining space among the guitarists. As technology is available to the music market, music learning software has been playing a significant role in this process.

Recebido em: 10/10/2017 - Aprovado em: 10/10/2018 - Disponibilizado em: 15/07/2018

Introdução

Para que a música possa ser registrada e reproduzida, é necessária a utilização de convenções de escrita e leitura. Ao longo do tempo, o registro, ou notação musical, passou por diversas formas, modelos, modificações necessárias à elaboração de um sistema que permitisse a identificação dos elementos fundamentais da música, sem o qual seria impossível o armazenamento de informações para uma futura reprodução.

A partir do pressuposto que seria necessário armazenar para o futuro, a música que, segundo Cardoso e Mascarenhas (1973) “é a arte de armazenar sons”, foi concebida a notação musical como forma de escrita. Nesta, foram introduzidos sinais para que o leitor identifique o que o compositor (escritor) escreveu, utilizando os elementos fundamentais: melodia, harmonia e ritmo. O uso e a identificação de sinais de registro, apesar de não ser suficiente, são necessários para que o intérprete transmita aos ouvintes a mensagem do autor da composição. O intérprete, através dos estudos em música, se torna capaz de extrair e transmitir os sons registrados, os quais vêm carregados designificado segundo a intenção do autor e percepção dos ouvintes. Nesse processo, o intérprete extrai o significado original e, quase que inevitavelmente, expressará também sua própria intenção durante a execução.

O registro, entretanto, existe para permitir a reprodução da forma mais precisa possível, diferenciando a reprodução da livre criação.

Essa notação foi verdadeiramente revolucionária, pois, entre outras coisas, possibilitou a consolidação de uma música baseada em progressões de acordes, a formação das grandes orquestras, a duração e repercussão de nosso “patrimônio” musical e o surgimento da figura do compositor moderno. (REZENDE, 2008, p. 1).

A notação musical utiliza sinais como pauta, claves, notas (KRENZ, 2010, p. 7), e outras formas, incluindo as técnicas de execução desenvolvidas para cada instrumento: a palhetada alternada da guitarra (CULPEPPER, 1996, p.3), a arcada para subir ou descer o arco do violino, a digitação no piano, o movimento de tapa do atabaque, etc.

O sistema de notação (NEELY; SCHROEDL, 1997) baseado em partitura utiliza a escrita sobre uma pauta. Esta é um segmento de cinco linhas paralelas e horizontais e quatro espaços nos quais são colocadas as notas. A clave, o sinal que especifica as notas e determina a sua leitura, é posicionada ao início da pauta. A identificação do som representado por cada nota na pauta, entretanto, não é suficiente para um registro eficaz da obra musical, uma vez que falta um elemento fundamental para a execução: o tempo, ou ritmo. Este é indicado pelo compasso, colocado na pauta logo após a clave, com a função de indicar a divisão da música por

conjuntos de tempo definidos, determinando o ritmo.

Para a escrita musical, um avanço revolucionário foi o uso das figuras, com duração de tempo específico, assim como a divisão da música em compassos.

“A métrica da música tem origem no período do Mensuralismo, quando as figuras começam a adquirir um valor determinado, constituindo em seguida a formação de agrupamentos de vários ritmos...” (BONNA, 18[?])

Cada compasso, cujo tempo é determinado, pode ser completado com figuras até o valor máximo estabelecido ao início da pauta. Existem compassos binários, ternários, quaternários, segundo essa composição de tempo.

No compasso quaternário (quatro tempos), as figuras, cujos nomes são a seguir apresentados, assumem valores que podem ser descritos em função do tempo que representam. A semibreve equivale ao compasso inteiro e a mínima vale a metade da semibreve, ou seja, um compasso quaternário admite uma semibreve (quatro tempos) ou duas mínimas (duas figuras de dois tempos). A semínima tem duração de tempo relativo à metade da mínima, ou um tempo do compasso, que se for quaternário admite quatro semínimas. A colcheia vale metade da semínima, ou $1/2$ tempo, a semicolcheia vale metade da colcheia, ou $1/4$ (um quarto) do tempo. A fusa ($1/8$ de tempo) vale metade da semicolcheia e a semifusa ($1/16$ de tempo) vale a metade da fusa. É sobre o tempo unitário da semínima que se baseia a divisão e indicação de tempos dos compassos, como referência para o valor das demais figuras.

Com base neste valor unitário, a notação do compasso é dita $2/4$, $3/4$ ou $4/4$, para indicar os compassos binários, ternários ou quaternários, formados por duas, três ou quatro semínimas, respectivamente (WILLEMS, 2000).

O compasso é uma das partes que dividem o trecho musical (CARDOSO; MASCARENHAS, 1973) e para essa divisão são utilizadas barras ou travessões, linhas verticais que delimitam os compassos na pauta. Essas barras permitem que as figuras sejam alinhadas ao tempo. Como foi dito, se o compasso for formado por quatro tempos (quaternário) para preencher esse valor serão necessárias uma semibreve, ou duas mínimas, ou quatro semínimas, ou oito colcheias ou 16 semicolcheias ou 32 fusas. É admitida a combinação destas figuras, ou seja, no compasso quaternário, uma mínima e duas semínimas preenchem o tempo, assim como duas semínimas mais oito semicolcheias e assim por diante. Na música existe o som do nada, o som do vazio ou também a inexistência do som com certa duração. Para expressá-lo, foram desenvolvidos os sinais de pausa, que possuem nomes referentes às figuras de tempo, exemplo: pausa da semínima. Podemos usar a expressão do cantor e compositor Lulu Santos para expressar a importância da notação da pausa: “não existiria som se não houvesse o silêncio”.

Toda essa complexidade da escrita musical não surgiu num momento único, mas foi fruto de aperfeiçoamento ao longo do tempo.

O surgimento da notação musical escrita pressupõe a existência de uma classe social letrada, que se utiliza de letras do alfabeto, sílabas, palavras, números, signos gráficos, entre outros recursos, para construir um sistema de representação da experiência musical.

Desde os babilônios, sumérios e assírios podemos encontrar vestígios tanto de sistemas de notação pictográficos quanto de sistemas de notação fonéticos, destinados especialmente a descrever o processo de afinação dos instrumentos e a indicar aos instrumentistas as formas de acompanhamento do canto. (REZENDE, 2008, p.1).

Nem todas as formas de registro para a música, entretanto, podem ser consideradas como notação propriamente dita, pois que esta permite a interpretação visual, a partir da leitura e execução de sinais apresentados, enquanto diversos outros sinais foram usados apenas como métodos de memorização.

Uma antiga notação suméria, datada de 1400 aC, foi descoberta em 1970 e executada em 1974, sendo possivelmente a “partitura” mais antiga de que se tem conhecimento (McDERMOTT; HAUSER, 2005). Os gregos antigos já se preocupavam com a notação musical e usavam símbolos para representar as figuras e as pausas (SOUZA, 2012). Dos documentos gregos musicais antigos restam poucos registros e fragmentos (APEL, 1950). Entretanto, alguns fragmentos das obras de Eurípedes mostram uma notação musical incluída acima das palavras em um trecho dedicado ao canto coral (SOUZA, 2012).

Os primeiros registros que resultaram no desenvolvimento da notação musical como hoje a conhecemos foram inicialmente destinados ao canto, na Idade Média, século IX. Sinais gráficos, os neumas, foram desenvolvidos para representar melodias, não como um registro exato, mas para recordar características fundamentais de uma melodia já aprendida (REZENDE, 2008). Esses sinais eram colocados nos espaços acima do texto e, segundo

a teoria mais aceita, tiveram origem nos sinais de acentuação da escrita grega e latina, que, fugindo ao significado da acentuação moderna, funcionavam mais para indicar inflexões da voz (APEL, 1950; FERNANDES, 1998). Os neumas são pontos e traços que representam intervalos e regras de expressão que, colocados acima das sílabas, serviam como lembretes para a execução. Os primeiros neumas eram escritos acima do texto que o cantor deveria interpretar, conforme pode ser visto na Figura 1A. A necessidade de representar a altura do som deu origem ao processo de escrita dos neumas mais próximos ou distantes do texto (FIG. 1B).

Evolução da escrita neumática

Figura 1A

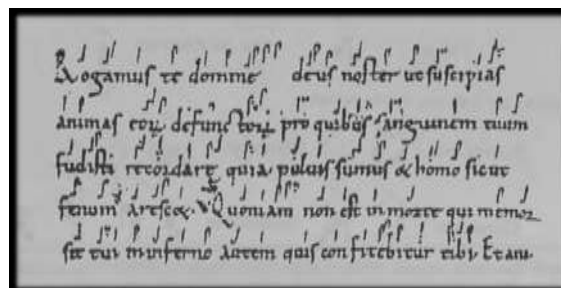


Figura 1B



A, Neumas inglesas. B, Neumas Aquitanianas do início do século XI. Fonte: (1980). *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. London: Macmillan, citado por Fernandes (1998).

Os neumas são classificados em dois grupos principais: neumas normais e neumas especiais, sendo que os primeiros indicam apenas moção melódica e os últimos, a

performance. Muitas das escritas neumáticas não são passíveis de descrição, pois os significados de seus sinais são desconhecidos. Sua identificação mais precisa tornou-se possível apenas quando passaram a ser escritos em linhas, em notação quadrada (FERNANDES, 1998).

Com a introdução de uma linha nesta notação, outras foram sendo gradualmente inseridas, de forma a fixar a altura do som executado, como se pode observar nas partituras do canto gregoriano (FIG. 2).

Figura 2 – Partitura de canto gregoriano



Primeira parte de uma partitura destinada ao canto gregoriano. Fonte: Mosteiro das monjas beneditinas de Uberaba. Arquivo pessoal do autor.

Segundo Apel (1950), os primeiros traços de um arranjo neumático ordenado, indicando cinco possibilidades de tom, desenvolveram-se por volta do ano 1000, como os neumasbeneventanos, escritos sobre linhas imaginárias ou reais, até o número de quatro. Os neumasaquitonianos, cujo formato deu origem aos caracteres da escrita musical quadrada, desenvolveram-se pouco mais tarde e foram amplamente adotados. Na Alemanha,

permaneceram os neumas góticos. Os neumas quadrados do século XII ou XIII, usados para o canto gregoriano, foram adotados para a notação das melodias monofônicas dos trovadores e para a música polifônica organística, com claros problemas na interpretação rítmica destas últimas (APEL,1950). Uma representação os sinais gráficos dos neumas é mostrada na Figura 3.

Figura 3 – Sistemas neumáticos medievais



Escrita de oito sinais neumáticos em cinco estilos diferentes de neumas: I-Messinos (Monastério de Metz), II-Beneventanos (Monastério de Benevent, Itália), III-Aquitanianos (Sul da França), IV-Neumas quadrados (Inglaterra) e V-Góticos. Fonte: Apel (1950), Harvard Music Dictionary, Massachussets.

O desenvolvimento da escrita musical como hoje a conhecemos, se deve em grande parte ao sistema de pauta, sílabas melódicas (notas) e verso ritmado, proposto pelo monge Guido D’Arezzo, no século XI. Esse sistema se difundiu rapidamente e recebeu grande apoio do Papa João XIX, “que ficou encantado com a possibilidade de que uma melodia desconhecida pudesse ser aprendida somente pela notação” (REZENDE, 2008, p.2). D’Arezzo se preocupou com a especificação da duração do tempo no ritmo. A música polifônica

do século XII apresentava um ritmo impreciso em relação à duração. Desencontros e superposições não desejadas das vozes eram comuns e, a música mensurata, na qual a duração dos sons e silêncios era regulada, surgiu como necessidade decorrente (FERNANDES, 1998). Para acomodar o registro do ritmo, a notação evoluiu sistematicamente até atingir o sistema da pauta.

A música é algo complexo e sua escrita se faz complexa também. As possibilidades para a execução devem ser escritas de modo a permitir uma reprodução precisa. Para a guitarra, a partitura como sistema acima descrito, não é completa em relação ao registro das técnicas que o instrumento requer. Por isso, no século XX, com a invenção da guitarra elétrica (MACHADO, 2009) a utilização da partitura foi associada à tablatura para complementar o registro das peças musicais a serem executadas neste instrumento.

A tablatura, ao contrário do que se pode pensar, é uma escrita antiga, com diversas formas surgidas entre os séculos XV e XVII, que foi adaptada para os guitarristas (GILBERT; MARILIS, 1997). No século XV, variados tipos de tablaturas foram divisados para acomodar o registro da música polifônica dos alaúdes, que surgia em contraponto à monofônica, predominante até então (MINAMINO, 2014). Três tipos de tablatura para alaúde foram feitas: francesa, italiana e alemã (MARTIN, 1999).

A utilização de alguns modelos de tablatura como a francesa, na qual a linha superior representa a primeira corda e nela as posições são representadas por letras. Assim, a letra “a” representa a corda solta, enquanto a

letra “b” a corda que é tocada no primeiro traste (TENÓRIO, 2007). Essa forma de registro evoluiu para números nas partituras de violão e guitarra, que indicam as casas onde as notas devem ser executadas. Um exemplo de tablatura francesa de 611 é mostrado na Figura 4.

A tablatura é uma notação sem tom, que utiliza sinais para indicar as cordas e casas que devem ser tocadas, dispensando a necessidade de conhecimentos teóricos de percepção musical para a execução. Neste sentido, seu uso democratiza a música e facilita a reprodução de composições, desde que sejam conhecidas. Ao mesmo tempo, levanta questões quanto ao seu uso, que, segundo teóricos e professores de música, pode dificultar o aprendizado da escrita na partitura.

Figura 4 – Tablatura francesa para alaúde



Fonte: Apel (1950), Harvard Music Dictionary, Massachussets.

Existem tablaturas para outros instrumentos de corda e órgãos, além das tablaturas atuais que evoluíram para uso em diversos instrumentos populares (APEL, 1950). A notação da tablatura para guitarra é semelhante à das tablaturas de alaúde do século XVI. Contém seis linhas horizontais e utiliza números para indicar diretamente as casas no braço – escala – do instrumento. Porém,

modificações foram introduzidas para acomodar as novas técnicas usadas pelos guitarristas. É um sistema de registro que traz facilidade de entendimento quanto à nota que deve ser executada. A tablatura utilizada para a guitarra elétrica não informa os valores rítmicos, de forma que seu uso juntamente com a partitura forma uma combinação bastante adequada para os guitarristas.

Tablatura, partitura e o software Guitar Pro para o aprendizado de guitarra

A geração atual de aprendizes de guitarra traz consigo uma inquietação diante das múltiplas possibilidades tecnológicas de fácil acesso. Tudo é passível de experimentação, mas nem tudo leva a um aprendizado eficaz. O estudante que chega a um conservatório para aprender a tocar guitarra sabe disso. Antes de chegar, esse estudante, geralmente, já passou por diversas experiências, desde cursos livres, professores particulares, estudos e exercícios retirados da *internet* ou de revistas da área. Ao ingressar no conservatório, esse estudante traz em si o desejo do aprendizado e, muitas vezes, a ilusão da facilidade. É essa ilusão, o grande elemento desmotivador para o estudante que se depara com as aulas de percepção e de execução do instrumento, gerando alto índice de evasão. Acreditamos que o uso único da partitura como recurso levaria essa desistência a um grau maior.

Entre os problemas que podem ser decorrentes do uso único da partitura nas aulas de guitarra, encontra-se a dificuldade de reconhecer a nota da partitura na escala do instrumento. Existem múltiplas possibilidades para a execução de uma mesma nota a uma

determinada altura no braço do violão e as possibilidades são ainda maiores na escala ampliada da guitarra elétrica, como demonstrado na Figura 5.

Figura 5 – Notação do Mi na partitura e tablatura frente à execução na escala da guitarra



Fonte: Próprio autor. Notação construída no software Guitar Pro 6.

Para essas variadas possibilidades, um único registro é possível na partitura. A tablatura, por outro lado, surge como um elemento facilitador para a interpretação, à medida que permite que o registro acompanhe fielmente a posição da nota na casa da escala em que deve ser executada. Na Figura 5, é possível perceber que o registro da nota Mi na tablatura varia de acordo com a execução desta no braço da guitarra, enquanto a notação na partitura permanece estante.

Para o violão, com a repetição progressiva das mesmas alturas de som em diferentes partes da escala, a identificação da posição da nota a ser executada é mais complexa. Esta complexidade é ainda maior para a execução da peça na guitarra elétrica, que possui maior amplitude de escala no braço do instrumento e maior número de opções para a execução de uma mesma nota a uma mesma altura.

As dificuldades na transposição da composição escrita em partitura para sua execução ficam claras quando se compara a aplicação da partitura de piano com a de violão. No piano é possível identificar um dó central e suas diferentes oitavas (acima e abaixo deste), as quais são correspondentemente identificadas na partitura musical. O dó central é escrito, na partitura da clave de Sol, na primeira linha suplementar inferior. Sua oitava acima é escrita no terceiro espaço da partitura da clave de Sol e sua execução corresponde a uma única tecla no piano (FIG. 6).

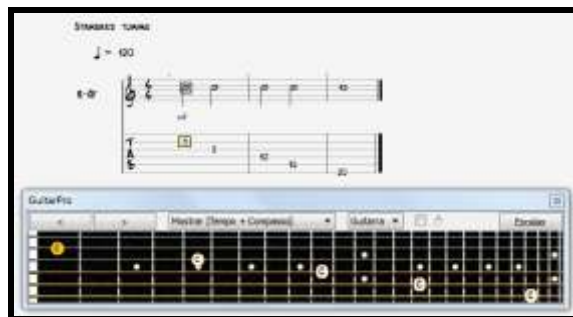
Figura 6 – Notação comparativa da oitava acima de Dó central em partitura e tablatura frente à sua execução em instrumento de tecla



Fonte: Próprio Autor. Notação construída no software Guitar Pro 6.

Em outro exemplo, o dó mostrado na partitura da Figura 6 apresenta cinco possibilidades de execução na escala da guitarra elétrica (FIG. 7) enquanto que, para o piano existe uma única possibilidade (FIG. 6).

Figura 7 – Identificação da posição da oitava acima de Dó central na tablatura frente à sua execução no braço da guitarra elétrica



Fonte: Próprio autor. Notação construída no software Guitar Pro 6.

A dificuldade de identificação da posição da nota especificada na partitura influencia diretamente no aprendizado de guitarra, e pode ser altamente desmotivadora para o estudante. Como Sá; Leão descrevem: “muitos alunos sentem dificuldades imensas ao iniciarem a aprendizagem de novas habilidades ou o aprendizado de um instrumento musical” (SÁ; LEÃO, 2015), ou ainda “a falta de material com indicações sobre a melhor sequência para o estudo de intervalos musicais e consequente desenvolvimento da percepção melódica dos alunos (NETO e MATOS, 2009) nos remete a uma forma de buscar recursos para superar as dificuldades e facilitar o aprendizado. Outras complicações para o aprendizado envolvem a falta de notação na partitura para técnicas comumente utilizadas pelos guitarristas modernos, não especificáveis na partitura clássica: *tapping*, *palmmut*, *letring*¹, *bend*², vibrato com alavanca. Esta lacuna na notação

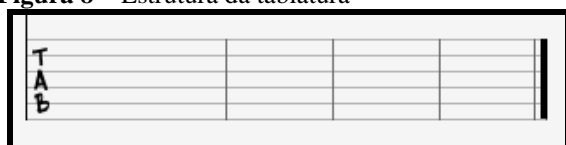
¹Let Ring Deixar soar,deixar a nota soar prolongadamente.

²Bend é uma técnica utilizada na guitarra na qual levanta-se ou abaixa-se a corda do instrumento para chegar em outra nota. Ao se curvar a corda, a nota que era tocada tem sua afinação mudada, elevada a uma nota mais aguda.

dificulta tanto o processo de ensino para o professor, quanto do aprendizado do aluno. O registro de algumas dessas técnicas foi acomodado na partitura, como forma de adaptação para a guitarra.

Para resolver estas dificuldades, os guitarristas modernos fizeram uso e adaptaram uma forma de notação quase tão antiga quanto a partitura: a tablatura. Nesta notação, as cordas do instrumento estão representadas por linhas paralelas e cada nota é indicada pelo número da casa da escala onde deve ser tocada (FIG. 8).

Figura 8 – Estrutura da tablatura



Fonte: Próprio autor. Figura construída no software Guitar Pro 6.

Desta forma, a tablatura permite a identificação rápida e precisa da altura do som e posição da nota no braço da guitarra, como mostrado na Figura 7. Essa identificação é de grande importância para uma leitura rápida, condizente com a velocidade de execução normalmente requerida para tocar as peças musicais e solos de guitarra elétrica (KRENZ, 2010, p.4).

Figura 9 – Especificação da corda e da casa de execução segundo a notação por tablatura



Fonte: Guitarra Solo

A tablatura é uma notação para ser trabalhada juntamente com a partitura. A leitura é feita utilizando-se o sistema indicado na Figura 9: a corda mais grave do instrumento, (Mi grave, sexta corda) é localizada na primeira linha de baixo para cima, tanto para a guitarra como para o violão. A corda mais aguda (Mi agudo, primeira corda) é localizada na última linha da tablatura, de cima para baixo, ao contrário da corda grave. Existe uma estreita correlação entre a tablatura e a escala no braço da guitarra elétrica e do violão, permitindo uma leitura direta da nota a ser executada e sua altura, como se observa na Figura 10.

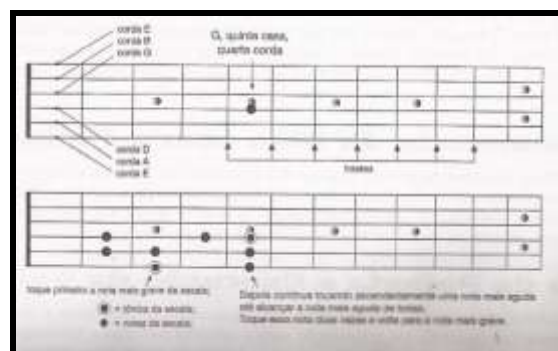
Assim, o uso da tablatura auxilia na leitura e na *performance* do estudante de guitarra, sendo amplamente utilizada no mundo todo. Porém, a tablatura não traz em si as informações relativas ao andamento, métrica dos compassos e ritmo musical, que são a base de uma composição. Sem a partitura, a tablatura torna-se pouco informativa e dependente da escuta da peça musical. Entretanto, com a leitura simples e direta da tablatura, muitos estudantes desistem de aprender a leitura da partitura, muito mais complexa, mas cuja utilização conjunta traz os benefícios de uma leitura rápida, precisa e com qualidade.

Alguns fatores fazem com que muitos aspirantes a guitarristas utilizem somente a tablatura: dificuldade para o aprendizado da pauta, rapidez com que se pode realizar a leitura da tablatura e, geralmente um fator principal e condicionante: o “ouvido musical”. Não são todos os músicos que possuem um ouvido 100% confiável. Alguns indivíduos nascem com o usualmente denominado “ouvido perfeito”, que

permite distinguir cada nota em qualquer situação. Ainda assim, diversos músicos são capazes de escutar uma peça musical e reproduzi-la com alta qualidade. O ouvido musical interfere diretamente no aprendizado para quem o possui, pois permite simplesmente ouvir a música, “tirá-la de ouvido” e transcrevê-la em tablatura, simplesmente como registro para o uso futuro. Porém, tocar de ouvido, sem saber o que se executa, para o músico, equivale a falar sem saber escrever.

Por este motivo, muitos professores de música erudita e responsáveis por instituições de ensino de música são resistentes ao uso da tablatura, argumentando que a partitura em si contém os elementos essenciais para a reprodução da peça musical, e que a tablatura interfere negativamente no aprendizado da percepção. Essa postura gera um conflito com os professores de guitarra elétrica e para os estudantes, uma vez que no estudo de guitarra a tablatura é um elemento adicional e complementar necessário à leitura (KRENZ, 2010, p.7). Percebemos aqui uma relação cultural importante: o uso de partitura indica uma postura de cultura erudita se opondo a uma percepção cultural mais “popular”, representada pela tablatura, como caminho para que o desejo de tocar guitarra seja realizado com maior rapidez.

Figura 10 – Escala do braço do violão e da guitarra elétrica



Fonte: Guitarra Solo.

Conclusões

A utilização conjunta da partitura e tablatura pode facilitar a reprodução fidedigna da música criada, além de gerar maior facilidade no aprendizado.

Tendo em vista a necessidade de desmistificar o uso da tablatura (KRENZ, 2010, p.4) como fator de impedimento para o aprendizado da percepção e notação musical na partitura, de estimular para o uso da tablatura como elemento essencial do processo ensino/aprendizagem de guitarra elétrica e a disponibilidade de recursos de tecnologia da informação que fazem uso concomitante de ambas as formas de notação como meio de facilitar a compreensão dos conceitos musicais, faz-se necessário conduzir propostas educacionais balizadas pela utilização de *softwares* como o Guitar Pro 6, para verificar se estes podem ou não facilitar o aprendizado. Esses se constituem em ferramentas tecnológicas para escrever, simular e executar as partituras e tablaturas das músicas e exercícios de aprendizado de guitarra elétrica.

REFERÊNCIAS

- APEL, W. **Harvad dictionary of music**. Cambridge, Massachussets, 1950, 833 pp.
- BONA, P. **Método Completo para divisão**. Edição Manon. Itália, 1816-1878.
- CARDOSO, B.; MASCARENHAS, M.: **Curso completo de teoria musical e solfejo**. 1ª ed. Vol. 8. Irmãos Vitale. São Paulo, 1973.
- CULPEPPER, C. **Terrifyingtechnique for guitar**. ISBN 0-7935-5164-1. Edição Hal Leonard Corporation. 1996.
- FERNANDES, J.N.: **Paralelismo entre História e Psicogênese da Escrita do Ritmo Musical**. Psicologia USP, São Paulo, v.9, n.2, p. 221-247, 1998.
- GILBERT, D.; MARILIS, B.: **Guitarra Solo**, Irmão Vitale S/A. Nº Cat. 386-M, São Paulo – SP. 1997
- KRENZ, S.: **Gibson's Learn & Master Guitar**. First edition. Copyright © 2010 by Legacy Learning Systems, Inc.
- MACHADO, R.T.S.: **Guitarra, Tecnologia e Educação Musical: A construção de uma Audição Crítica**. - Faculdade de Música Carlos Gomes - Pós "Lato Sensu" em Educação Musical - São Paulo 2009.
- MARTIN, P.: **Interpretación de Música para Laúd em Guitarra**. la Lute Society de Inglaterra enelaño 1999
- McDERMOTT, J.; HAUSER, M.: **The originisof Music: Innateness, Uniqueness, andEvolution**. Music Perception, volume 23, Issue I, pp. 29-59, ISSN 0730-7829. Universityofcalifornia, 2005.
- MINAMINO, H.: **The Disseminationof Lute Music in RenaissanceSociety: The Case ofTablatureSheets**. UCI Libraries, UniverstyofCalifornia – Irvine, 2014.
- NETO, Wilson C.B.; MATOS, Rodrigo de: **Dinamizando o desenvolvimento da Percepção Musical: Um sistema de apoio à Realização de Exercícios**. Anais do WIE (Workshop de Informática da Escola), ISSN 2316-65410, Universidade do Planalto Catarinense, Lages/SC 2009.
- NEELY, B; SCHROEDL, J. **Chords&Scales for guitar**. Editora Hal Leonard Corporation, 1997.
- REZENDE, G.S.S.L.: **Música, experiência e memória: algumas considerações sobre o desenvolvimento da partitura a partir de obras de Max Weber e Walter Benjamin**. Revista Espaço Acadêmico, n. 85, junho, 2008.
- SÁ, Fábio A. da S. e LEÃO, Eliane: **Violão e Cognição Musical: reflexões sobre o ensino da leitura fragmentada da pauta**. Anais do XI Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais, 2015.
- SOUZA, M.N.V.: **A Evolução da Notação musical do Ocidente na História do livro até a invenção da imprensa**. Universidade da Beira Interior. Covilhã, junho de 2012.
- TENÓRIO, L.E.L.: **Interpretação da Música Renascentista: A tablatura como apoio para o intérprete moderno**. I Simpósio Acadêmico de Violão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – 2007.
- WILLEMS, E.: **Solfejo Curso Elementar**. Adaptação Raquel Marques Simões. Editora e Importadora Fermata do Brasil Ltda. São Paulo, 2000.

Alexsander Vanzela

Mestre pelo programa de Pós Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente - PPGSaSA, na linha de pesquisa: Educação, Cultura e Saúde da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), atualmente é professor de guitarra elétrica no Conservatório Estadual de Música “Lobo de Mesquita” em Diamantina-MG.

Leida Calegário de Olivera

Doutora em Ciências Biológicas (Fisiologia e Farmacologia) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e 2004 respectivamente. Atualmente é Professora Associada II da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e atuando como professora titular no PPGSaSA.

Marivaldo Aparecido de Carvalho

Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Atualmente é professor associado da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), atuando como titular no PPGSaSA.
